



MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE ARAXÁ E REGIÃO

Unões que Contam Histórias: os Casamentos no Interior Mineiro em uma Coletânea de Fotografias



Fabricio de Avila Ferreira: Natural de Araxá, é um estudioso da história da cidade, com um extenso acervo fotográfico e documental que retrata a trajetória de Araxá e de suas famílias, fruto de mais de trinta anos de pesquisa. É biólogo especializado em Ciências Ambientais, professor e funcionário público.

Os casamentos no interior de Minas Gerais, especialmente entre o século XIX e o início do século XX, eram profundamente marcados pela religião, pelas tradições rurais e pela estrutura social vigente. Muito mais do que uma união baseada no romantismo, como se entende hoje, o casamento estava ligado a interesses familiares, à manutenção de patrimônio e à organização social. A Igreja Católica exercia papel central nesse processo, sendo a cerimônia religiosa fundamental para legitimar a união. Era comum a leitura dos proclamas — anúncios públicos destinados a evitar impedimentos — e uniões não reconhecidas pela Igreja eram socialmente desaprovadas. Em muitos casos, os casamentos eram arranjados pelas famílias, sobretudo entre proprietários rurais, visando fortalecer laços e preservar terras, sendo o afeto algo que, quando surgia, vinha posteriormente.

Inseridos em uma realidade predominantemente rural, esses casamentos eram, em geral, simples, realizados em pequenas igrejas ou capelas, enquanto as celebrações aconteciam nas casas ou fazendas. Ainda assim, havia fartura e alegria: comidas típicas como carne de porco, galinha, macarrão, frutos, doces caseiros e bolos compunham a mesa, acompanhadas por música de viola, cantorias e danças. Em famílias mais abastadas, as festividades podiam se estender por dias. A vestimenta refletia as condições da época — a noiva nem sempre usava branco, e as roupas eram, muitas vezes, confeccionadas artesanalmente ou reaproveitadas. Em muitas ocasiões, a presença do padre na fazenda era aproveitada para realizar não apenas casamentos, mas também batizados e primeiras comunhões, reunindo diversos ritos em um único momento religioso; em Araxá, padres como o Cônego Pedro Pezzuti, André Aguirre e Antonio Marcigaglia eram conhecidos por visitar propriedades rurais da região para a realização dessas celebrações.

Os preparativos eram marcados por intensa participação coletiva, especialmente das mulheres, que se reuniam semanas antes do evento na casa da noiva. Em um verdadeiro mutirão, produziam doces como compotas, balas e suspiros, além de confeccionar manualmente as forminhas e organizar a decoração. Esse ambiente de trabalho compartilhado também era espaço de convivência, troca de saberes e fortalecimento dos vínculos. Com o passar do tempo, essa prática evoluiu para a especialização de algumas mulheres na arte da confeitaria, que passaram a ser reconhecidas e requisitadas em toda a região, como Ana Porfírio da Rocha e Silva, conhecida como “Saninha”, Dona Maricota, Maria do Seu Baltazar e Dona Íris Bittencourt, destacadas pelo cuidado e qualidade de seus preparos.

Ao longo do século XX, os casamentos passaram por profundas transformações, acompanhando mudanças sociais, culturais e legais. O amor romântico ganhou protagonismo na escolha dos cônjuges, influenciado por ideais difundidos desde o século XIX. O vestido branco, popularizado pela rainha Vitória, consolidou-se como símbolo de pureza e status, tornando-se praticamente padrão. Com a institucionalização do casamento civil após a Proclamação da República, o Estado passou a reconhecer legalmente as uniões, re-

duzindo a exclusividade da Igreja. As cerimônias tornaram-se mais elaboradas, refletindo a urbanização e novos padrões de consumo, enquanto a escolha do parceiro passou a privilegiar a afinidade afetiva.

A partir da década de 1950, esse novo modelo tornou-se ainda mais evidente: os casais passaram a escolher livremente seus parceiros, geralmente após um período de namoro, e celebravam tanto o casamento civil quanto o religioso. As noivas já se apresentavam de branco, com véu e grinalda, e as festas migraram para salões e clubes, adquirindo maior formalidade, com registros fotográficos e bolos mais elaborados. A influência de referências culturais, como o cinema, contribuiu para consolidar a imagem do casamento como um evento romântico e socialmente celebrado. Em Araxá, com a inauguração da Igreja Matriz de São Domingos de Gusmão, em 1948, o casamento religioso passou a assumir ainda maior centralidade simbólica e social, consolidando-se como espaço de referência para as celebrações matrimoniais da cidade e reforçando o prestígio e a solenidade dessas uniões. Paralelamente, festas memoráveis de casamento passaram a ocorrer em espaços emblemáticos da cidade, como o Grande Hotel do Barreiro e os tradicionais Clubes Araxá e Girassol, marcando uma nova fase de sofisticação e sociabilidade nas celebrações locais.

Nesse contexto, também se fortaleceu a tradição de maio como o “mês das noivas”, associada à devoção mariana e à cultura popular, reforçando simbolicamente a celebração das uniões. Paralelamente, a fotografia ganhou papel central na preservação da memória desses momentos, registrando não apenas os casais, mas também as transformações dos costumes, da moda e das formas de celebração ao longo do tempo.

As tradições do casamento, por sua vez, carregam significados que atravessam séculos e culturas. O vestido branco, difundido no século XIX, passou a simbolizar pureza e romantismo; a grinalda remete à distinção e ao destaque da noiva; o buquê, com origens na Grécia Antiga, evoluiu de elemento protetor para símbolo de amor e fertilidade; o véu, herdado da Roma Antiga, representava proteção espiritual; e as damas de honra surgiram como forma de afastar maus presságios. Outras tradições também persistem, como a ideia de o noivo não ver a noiva antes da cerimônia, herança dos casamentos arranjados, e a chuva de arroz, símbolo de prosperidade e abundância de origem oriental. A troca de alianças, por sua vez, consolidou-se como um dos principais símbolos da união, representando o vínculo eterno entre o casal.

Assim, os casamentos, mais do que eventos sociais, revelam transformações profundas na forma de viver, amar e se relacionar, sendo as fotografias importantes testemunhos dessas mudanças ao longo do tempo.



Joaquim Antonio Aguiar e Rita de Cássia



Dr. Pedro Pezzuti e Tibúrcia



Edmar Cunha e Waldete Santos



Dr. Tibúrcio Teixeira e Maria Santos



Romeu Zema e Dalva Santos



Domingos Santos e Wanda



Ovídio de Abreu e Júlia



Alonso José de Aguiar e Suzana



Carlito Rosa e Cecília Beatriz



Geraldo Lemos e Cândida



Theofredo Pinto e Carmela Pezzuti



João Benevides e Lacir Rita



José Ferreira de Avila e Aparecida Dumont



José Rubens Porfírio e Dora



André Ribeiro de Paiva e Olga de Avila



Maria Célia Aguiar



Octávio Ribeiro de Paiva e Gilda



Renato Benevides e Maria Amâncio



Urquiza Ferreira Dias e Maria



Antonio Ferreira de Avila e Maria Cecília



Adhemar Rodrigues Valle e Therezinha Marth



Geraldo de Avila e Yolanda Affonso



Polybio Magalhães Paiva e Ana Antonia



Ananias Ferreira de Aguiar e Célia



Jayme Dumont e Martha

Ao analisar uma coletânea de fotos de casamento das primeiras décadas do século XX, é importante observar com atenção alguns elementos centrais que ajudam a compreender os costumes da época: o cenário da fotografia (se foi realizada em casa, na igreja ou em estúdio fotográfico, frequentemente com fundos pintados), as roupas dos noivos e convidados (modelos, tecidos, comprimento dos vestidos e presença de cauda), os acessórios da noiva (véu — inclusive se cobre o rosto —, grinalda ou coroa), o tipo de buquê (com flores típicas como copo-de-leite, rosas brancas ou margaridas), além da postura dos retratados (geralmente mais formal e rígida) e a feição dos noivos, atentando para expressões faciais mais contidas, sérias ou solenes, características da época. Também é relevante notar a presença e o perfil das damas de honra, que podiam ser crianças ou adultas, bem como a disposição dos participantes na imagem, revelando padrões sociais e simbólicos característicos daquele período.